

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Director Interino: DANIEL ANTÓNIO PRIMO PIRES

Proprietário: MANUEL VIRGÍNIO PIRES (Herdeiros)

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 22503 — TAVIRA • Composição e Impressão — Tipografia União — Telefone 22319 — FARO

Delegação em Faro: Largo de S. Sebastião, 5 — Telef. 23706 (para onde deve ser dirigida toda a correspondência)



As Eleições para a Constituinte

★ UMA GRANDE LIÇÃO DE CIVISMO

Para além da opção sócio-político-económica francamente progressista que os seus resultados incontestavelmente traduzem, as Eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, efectuadas no passado dia 25 de Abril, foram uma grande lição de civismo do Povo Português. E não só pela forma ordeira, serena e confiante como decorreram em todo o País, mas ainda pela extraordinária afluência de eleitores em todas as secções de voto e que, na maioria dos círculos eleitorais, quase atingiu os cem por cento; mas foram também, não é demais salientá-lo, nova demonstração da adesão do Povo Português ao Movimento das Forças Armadas e ao seu programa de salvação nacional. O nosso Algarve, sob tais aspectos, também não fugiu à regra; e se alguma coisa se pode anotar em seu desfavor, será apenas o elevado número de abstenções, dos mais elevados de todo o País, e isso porque, ao menos em nosso modesto entender, a abstenção no actual momento da vida nacional ou significa comodismo individual ou indiferença pelo futuro de Portugal, uma coisa e outra que têm pouco de civismo.

★ RESULTADOS GERAIS

Os resultados das Eleições são já conhecidos dos nossos leitores

« Povo Algarvio »

O falecimento inesperado, em 13 de Outubro de 1974, do nosso saudoso director Manuel Virgínio Pires, que era afinal tudo nesta casa, trouxe naturalmente graves problemas à vida do «Povo Algarvio» e que punham em causa a sua própria sobrevivência. Pensámos então que seria possível, ainda que à custa de muito trabalho e bastantes sacrifícios, resolver esses problemas sem suspender, mesmo que apenas temporariamente, a publicação do jornal; e para assegurar esta sob o aspecto redactorial, solicitámos o auxílio do nosso velho colaborador, muito estimado amigo e publicista algarvio Antero Nobre que, apesar do seu precaríssimo estado de saúde dos últimos anos já lhe não permitir grandes esforços, não hesitou em dar-nos a sua colaboração permanente, movido apenas pelo seu amor a este semanário, que acompanhara praticamente desde a primeira hora, e pela fraternal amizade que, desde a adolescência de ambos, o ligara ao desaparecido fundador no nosso jornal. E, de facto, exclusivamente à dedicação de Antero Nobre, ao seu trabalho verdadeiramente exaustivo, ao seu esforço que tem sido verdadeiro sacrifício pois agravou bastante o seu estado de saúde, como noticiámos no nosso último número, — apenas a Antero Nobre se deve não só haver o «Povo Algarvio» mantido a sua publicação regular nestes últimos seis meses, mas até melhorá-lo sob muitos aspectos e imprimir-lhe uma nova orientação mais de acordo com o novo circunstancialismo da vida portuguesa e algarvia, permitindo que simultaneamente a administração

(Continua na 4.ª página)

res, através da Imprensa Diária e outros meios de informação, e não só os resultados gerais, como até os referentes apenas ao Círculo Eleitoral do Algarve, que mais de perto nos interessam; apesar disso, não deixaremos que fiquem sem registo nestas colunas, embora resumidamente os primeiros e com um pouco mais de pormenor os segundos. Ora, dos resultados gerais, o que nos parece de mais interesse registar é o número de deputados à Assembleia Constituinte que cada Partido concorrente conseguiu fazer eleger, dado que o número de deputados de cada Partido é proporcional ao número de votos que obteve. Assim, anotemos que os 250 deputados que constituirão aquela Assembleia ficaram assim repartidos: Partido Socialista Português (PS), 116; Partido Popular Democrático (PPD), 81; Partido Comunista Português (PC), 30; Centro Democrático Social (CDS), 16; Movimento Democrático Português (MDP/CDE), 5; União

Democrática Popular (UDP), 1. Desta enumeração, facilmente se conclui antes de mais nada que dos 12 Partidos concorrentes em todo o País, apenas 6 obtiveram votação que lhes desse direito a representação na Assembleia e que o PS, só ele, dispõe de quase metade dos deputados; mas, acrescentaremos que dos 6 Partidos que obtiveram representação, também apenas um Partido (PS) ultrapassou os 2 milhões de votos (exactamente 2 145 392), só um outro (PPD) ultrapassou igualmente 1 milhão de votos aproximando-se do milhão e meio (exactamente 1 494 575), também só um (PCP) ultrapassou o meio milhão, mas sem atingir o milhão (exactamente 709 638), só um outro ainda (CDS) se aproximou bastante do meio milhão sem contudo o atingir (exactamente 433 153), ainda apenas um (MDP/CDE) se aproximou do quarto de milhão mas sem o atingir (exactamente 233.362) e o

(Continua na 4.ª página)

POVO NOVO

Até aqui, dadas as preocupações de cada um pela eleição do programa político que a seu grau deveria orientar os destinos do Povo, não foi possível o saneamento da classe popular.

Sanearam-se, sim, os dirigentes das empresas culturais, estatais, financeiras e outras como tais, mas ao povo não foi dada outra aprendizagem que a do alfabeto e intervenção nos assuntos públicos. Parece pouco e pouco constitui, na verdade, mas a matéria é vasta e o desconhecimento quase absoluto.

A moral, o raciocínio e a cultura, alfaías do Povo Novo, deverão descer ao uso de todas as camadas sociais e dum modo tão incisivo e tão diluído em naturalidade e oportunidade, que não fira nem fatigue a mentalidade das classes ainda balbuciantes no emprego de palavras onde o valor do significado comande a musicalidade dos fonemas.

O povo também carece de saneamento. Carece de saneamento o que desconhece o Código do

Direito Civil. Se o conhecesse não teria praticado abusos fora da Lei.

Todos sabem, por exemplo, exemplo comesinho, que não se pode afixar cartazes nos edifícios públicos; e afixaram-nos, não por desejo de infracção, mas por ignorância. Todos sabem que não podemos utilizar objectos ou bens que nos não pertencem; e

(Continua na 4.ª página)

No julgamento dos factos, muitas vezes o importante não são os factos, mas sim os óculos com os quais são vistos os factos. Não é difícil chamar o verde de vermelho, quando a cor dos óculos faz o verde aparecer como vermelho. O trágico, neste caso, é que ninguém consegue convencer do contrário o dono dos óculos. Não adianta discutir com ele os factos. É preciso convencê-lo de que necessita de um bom oculista.

CARLOS MESTERS

Exposição de Pintura numa cidade da Beócia

Era dia de mercado e a população rural movimentava-se em todos os sentidos ao longo dos passeios poeirentos.

Na rua principal, à altura dum primeiro andar, em cordas esticadas, bamboleava-se o letreiro que anunciava o acontecimento e o lugar. A Curiosidade subiu a rua e quis ver. Só ver... Mais acima, novo letreiro. A Curiosidade sentiu que não desistiria, nem a troco do chapéu novo que se preparava para adquirir no mercado. E avançou resoluta, escada acima, sem encontrar viv' alma a quem perguntasse a que horas podia saciar aquela fome de ver. Ninguém. Sempre ninguém, mas

portas abertas e a Curiosidade, decidida a saber, foi sempre andando, como o mercador do conto da Bela e a Fera que se atreveu a penetrar no jardim encantado no propósito de colher uma rosa branca.

Na parede estava pregado um papel e a Curiosidade aproximou-se, a ler, para saber a que horas poderia arriscar-se a colher a rosa branca dum pouco de encanto, que trouxesse no esfiapado alforge à moda do seu monte. Estava um tanto escuro e a letra miúda bailava confusa. Mal se podia soletrar um nome, seguido da indicação de que o artista usufruira de 14 prémios e uma bolsa de estudos.

Que pessoa importantel — pensou a pobre Curiosidade, bastante confusa e mais pequena que o Baguinho de Milho; com certeza traz coroa na cabeça e manto de arminhol...

Assustada, a Curiosidade pensou recuar, descer a escada de

(Continua na 4.ª página)

Dr. Alberto Iria

O nosso ilustre comprovinciano, antigo condiscípulo e muito prezado Amigo Dr. Alberto Iria, historiógrafo distinto a quem os estudos da história pátria e em especial da história algarvia tanto devem, e que já era sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, acaba de ser eleito sócio efectivo ou «académico de número» da mesma instituição, esta que é, não apenas oficialmente, mas de facto e incontestavelmente, a mais alta agremiação cultural e científica portuguesa. O «título» de uma cadeira na Academia das Ciências constitui a consagração máxima de qualquer intelectual português. Congratulando-nos, como comprovincianos, pela distinção que justamente lhe foi conferida; como amigos daqui lhe enviamos um muito sincero abraço de parabéns.

A Democracia não se improvisa. Constoi-se com Trabalho e Ordem.

Um Canteiro do Paraíso

Certo homem possuía uma courela de terra de pouco valor. Como tivesse ocupações que o desviassem da sua pequena propriedade, pensou procurar rendeiro e para o efeito se lhe ofereceu um seu vizinho, que pegava terra com terra.

Fez-se o ajuste da renda e o vizinho tais promessas formulou que o proprietário abateu um quinto do rendimento colectável determinado no documento matricial.

— Vai ver que farei daqui um canteiro do Paraíso e em três ou quatro anos o senhor dirá a diferença que encontra na sua fazenda!

No primeiro ano, o rendeiro pagou a renda muito pontual e satisfeito. No segundo, o atrazo foi de poucos dias, mas as queixas extensas, porque o ano agrícola corria mal para o campo. Ao terceiro, pediu dispensa de pagamento porque o ano ainda fora pior; e ao quarto, ao quinto e ao sexto, tornou-se novamente pontual, apesar de queixoso.

Dez anos depois, o proprietário, que tinha deambulado por longes terras, ocupado por obrigações diferentes, teve saudades dos seus torrões e foi visitar o pequeno património: — o canteiro do Paraíso, conforme o ren-

deiro continuava a referir. E que encontrou?

Uma chá arável, oh pasmol, só tinha cardos e tojos. O pinhal constava de velhos pinheiros de tronco torto como garrocho. Dum pequeno cerro de grajau, uma «fatia» de encosta cortada, como se fosse bolo, e cavernas à volta, ameaçando desmoronamento.

— Então este é que é o canteiro do Paraíso que o vizinho nomeava?

— Pois porque não há-de ser? Como a gente nunca lá foi, pode supor aquilo que entender. E o que queria o senhor ver aqui?

— Trabalho!

Ah, meu rico senhor! Como é o Paraíso não sabemos nós, porque ninguém de lá voltou a dar notícias; mas o que todos sabem é que lá ninguém trabalhal... À hora da folga, ali na eira, sempre apecece descansar, enquanto o gadinho se entretém naquela baixa; e alguma arvorezita seca, que para aí escapa, são aquelas manhosas daquelas vacas que se põem a roer e que me têm dado cabo dos pinheirinhos meúdos.

— E estes buracos, aqui no cerro, foram também roídos pelas sues vacas?

(Continua na 5.ª página)

Comemorações do 1.º de Maio

Tal como no ano passado, as comemorações do Dia Mundial dos Trabalhadores decorreram este ano, em todo o País, com grandes manifestações de entusiasmo popular e diversas cerimónias e organizações festivas e desportivas, que reuniram não milhares, mas milhões de portugueses. Mas, se em 1974 as comemorações assumiram, predominante e justificadamente, o carácter de manifestação de incontido júbilo pelo triunfo da Revolução de 25 de Abril, este ano foram já, sem nada perderem de entusiasmo, júbilo e brilho, festa de confraternização dos trabalhadores portugueses e de solidariedade destes com os trabalhadores de todo o mundo, portanto mais de acordo com a verdadeira intenção e o verdadeiro significado mundial do «1.º de Maio».

Em Lisboa, especialmente, uma grandiosa manifestação reuniu centenas de milhares de operários, durante a qual o Presidente da República, Sr. General Costa Gomes, e o Primeiro Ministro, Sr. Brigadeiro Vasco Gonçalves, pronunciaram importantíssimos e oportunitíssimos discursos; e aqui, no nosso Algarve, também se registaram, um pouco por toda a parte, inúmeras manifestações comemorativas. As condições especiais em que o nosso jornal tem de ser confeccionado não nos permitem, todavia, que já neste número lhe demos o relevo que lhes é devido e muito desejariamos dar-lhe.

A SEARA DE HERODES

Entre as personagens bíblicas mais populares, avulta (tristemente notória!) a do velho Herodes, ou Herodes «o grande», que ficou na História como símbolo de homem descoroado e um dos mais hediondos criminosos de todos os tempos. Mandou matar a sogra, a mulher, também sobrinha, dois cunhados, os irmãos, os filhos e todos aqueles que receava lhe tirassem o cetro ou que o desgostassem, mesmo sem intenção. Por sobre todos esses crimes, a tradição lançou o véu do esquecimento. Mas pela sentença de morte contra os meninos, vinte séculos e todas as gerações o detestaram.

Ao fim dos vinte séculos cumpridos, parece que o Idumeu conseguiu o resgate da sua censurável acção e se encontra reproduzido numa seara de pequenos Herodes oficialmente instituídos e até louvados.

As mães, a quem o velho Herodes mandou matar os meninos, fugiam com as crianças nos braços, doidas de pavor; as mães modernas entregam-se aliviadas aos modernos herodes. Os pais, na sombra, arrancavam os cabelos, cerravam os punhos rangiam os dentes, no seu desespero impotente perante o velho Herodes; os pais modernos pagam aos modernos herodes e dizem «muito obrigado», por se verem livres de despesas maiores. Herodes, velho, supersticioso, assustado, apenas mandou tirar a vida às crianças numa pequena região.



Maria Luiza Horta Mestre Agradecimento

A família de Maria Luiza Horta Mestre vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada e bem assim àquelas que directa ou indirectamente lhes manifestaram o seu pesar e ao mesmo tempo a todas as pessoas que se dignaram assistir à Missa por sua alma no passado dia 19 do corrente, na Igreja da Conceição de Tavira.

VENDE-SE

propriedade com cerca de 6 hectares dispondo de casa de habitação, instalações agrícolas, cisterna e com os 4 ramos de rendimento predominando a amendoeira, no sítio da Sinagoga, freguesia de Santo Estêvão.

Trata seu proprietário, Custódio da Luz Bernardo — Horta Del' Rei, Lote M-1.º Esq., ou no próprio sítio — TAVIRA.

TOTOBOLA

CONCURSO N.º 37 — 18-Maio-1975

Nome: «POVO ALGARVIO»

Morada: TAVIRA

1. Oriental - Belenenses ...	1
2. Porto - Guimarães ...	1
3. CUF - Setúbal ...	2
4. Atlético - Sporting ...	2
5. Leixões - Benfica ...	2
6. Covilhã - Boavista ...	1
7. Braga - Farense ...	x
8. Oliveirense - Famacão ...	x
9. P. Ferreira - Vilanovense ...	x
10. Tirsense - Beira Mar ...	2
11. Portimonense - Marítimo ...	1
12. U. Leiria - Barreirense ...	2
13. Lusitano - Odivelas ...	1

Os actuais herodes, não pelas mãos dos soldados rudes e bárbaros, mas pelas suas próprias mãos cuidadas, tiram a vida a milhares de inocentes.

Herodes, o grande, mandava matar crianças sob o efeito de anormalidades: covardia, insegurança, medo, obcecação do mando e outros sintomas de anomalia mental; os herodes hodiernos sacrificam inocentes na ara dos vícios, dos lucros avantajados, da irresponsabilidade paterna e da deslealdade das mães, que se comprometem em atraiçoar ou explorar os próprios maridos.

O velho Herodes escreveu, ditou a sua sentença, a que se deu conhecimento público; os actuais herodes trabalham na sombra, clandestinamente, enxovalhando a sua dignidade e a dos seus colegas, que ainda há muitos que, declinando honorários chorudos, preferem não praticar ofício de açougueiros. Eles sabem que tiraram um curso que os compromete a ajudar a vida, combatendo a morte.

Mais que os herodes que seguem no mundo as veredas tortas por onde os levam as suas faltas de escrúpulos, os pais e mães se tornam indignos da sua missão. Acima de ambos, os pais, pela irresponsabilidade de que dão prova e porque empurram para as mulheres as consequências da sua irresponsabilidade, do seu comodismo, do desregramento moral e físico, de que dão provas públicas apesar de se apresentarem encolarinhados e ocupando cargos respeitáveis.

Pais e herodes, enfim, criaturas sinistras e asquerosas, a quem Cristo se negou falar. Foi a um descendente (filho) do matador de crianças, Herodes Antipas (parece que é), que mandaram Cristo durante o julgamento. Já antes, o Senhor tinha classificado de «velha raposa» aquele Herodes matador de João Baptista, que na presença de Cristo falou, interrogou, pediu mesmo o favorzinho dum milagre, para ele ver como era. Jesus Cristo, anjojado de tal criatura, não se dignou responder, pelo que lhe foi mandado vestir a túnica branca dos loucos. Não se lembrou o Antipas de que os reis de Judá tinham também por insígnia uma branca veste talar e assim paramentava o Réu com um atributo real.

A grande respeitabilidade dos herodes é sempre como a dos espantalhos para pássaros, que nem os pássaros enganam!

A. M.

Assine e leia o
«Povo Algarvio»
Ajude-nos
assim a fazer
dele um bom
jornal tavnense
e algarvio

CASA VENDE-SE

No largo das Portas do Postigo n.º 8 — Tavira.

Tratar com Júlio da Conceição Brito — Rua Bairro da Caixa Nacional de Pensões — Lote 2-1.º Dt.º — TAVIRA.

NOTÍCIAS PESSOAIS

BAPTISMO

Sendo celebrante o Rev. Padre António José Pereira Coelho, amigo da família do neófito, recebeu na Igreja Paroquial de S. Pedro, em Faro, o sacramento do baptismo o menino Fernando José, filho da sr.ª D. Maria Fernanda Fornasini Castelo Branco Melo e Horta e do nosso conterrâneo sr. José César de Melo e Horta, neto materno da sr.ª D. Ema Eva Fornasini Castelo Branco e do sr. Fernando José Castelo Branco e paterno da sr.ª D. Maria Leonor Gomes de Melo e Horta e do sr. José Rodrigues Horta, residentes em Tavira. Foram padrinhos a sr.ª D. Maria Teresa Pires e Silva e o avó materno. As nossas felicitações.

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos, no corrente mês de Maio:

Amanhã, dia 4 — As Sr.ªs D. Maria Floriana Cândido Ribeiro Pereira, D. Judite Maria de Araújo Baptista Regato, D. Maria Mónica Araújo, D. Blantina Correia Gaspar, D. Alcinda Maria Correia Matos Fernandes, D. Dinia Rosa Entrudo Viegas Palma e D. Maria Estrela da Cruz Santos Raimundo e o Sr. João Manuel Madeira Gomes;

No dia 5 — Os Srs. Professor José António Pinheiro e Rosa e Carlos Alberto da Costa Pires, a menina Maria da Fátima Nascimento Correia e os meninos Hermínio Manuel Esteves Martins e António Carlos Bagarrão Teixeira;

No dia 6 — As Sr.ªs D. Etelvina Trindade e Maria Latina Mendonça;

No dia 7 — A Sr.ª D. Tereza Estanislau Pires Faleiro;

No dia 8 — Os Srs. António Henrique de Almodovar Bernardo, José Maria Menau e João José Afonso Fernandes;

No dia 9 — As Sr.ªs D. Maria Ermelinda dos Santos e D. Gregória da Conceição, os Srs. Artur Arriegas Pacheco e António dos Anjos Trindade Marinho e os meninos José Maria Lucas dos Santos e José Jorge da Silva de Sousa Carrilho;

No dia 10 — A Sr.ª D. Edite Paulina Vieira e os meninos António Jorge Fernandes Silvino da Trindade e Luís António da Cruz Fernandes;

No dia 11 — A Sr.ª D. Maria Luiza Costa Luz Peres;

No dia 12 — O Sr. Joaquim Rogério Frangolho Ventura;

No dia 13 — A Sr.ª D. Ermelinda de Jesus Costa Conceição e os Srs. Sebastião Trindade, António José Lindo e Lopes e Virgílio Carlos Pedro;

No dia 14 — As Sr.ªs D. Julieta Irene Soares Ramos Palma e D. Aurea Augusta dos Mártires Conceição Baradas e o Sr. Horácio da Cruz Calço;

No dia 15 — As Sr.ªs D. Maria da Encarnação Laranjo Conceição Fonseca, D. Maria Luísa Fialho Gomes, D. Maria Caetana do Rosário Frangolho, D. Maria Antonieta do Rosário Frangolho, D. Lídia Lopes Rodrigues e D. Maria do Espírito Santo Viegas Evangelista, o Sr. António Ramos Vaquinhas, e as meninas Helena Maria Gago Cansado e Maria Manuela Romeira Vaz;

No dia 17 — As Sr.ªs D. Maria Adelaide Correia Rico Viegas, D. Maria Julieta de Oliveira Cruz, D. Maria Margarida Prates P. de Sousa e D. Domitília Tavares Marques do Livramento;

No dia 18 — As Sr.ªs D. Maria Celeste Pires Cruz Santos, D. Mariana José Mimoso Faisca, D. Emília da Encarnação Galhardo Cardoso e D. Maria Bernardete Machado Alves de Matos, o Sr. Joaquim Gil Madeira Teixeira e os meninos José Eduardo Palmeira Costa e Luís Filipe Palmeira Costa;

No dia 19 — A Sr.ª D. Maria Alda Martins Vargues Abreu e Costa, os Srs. Francisco do Nascimento Trindade e João Gago da Graça e a menina Maria do Rosário Brás Cavaco;

No dia 20 — As Sr.ªs D. Maria da Conceição Pires Cruz Lança, D. Olívia da Conceição Pires Viegas e D. Maria José Bernardino Matos e os Srs. Laurentino de Jesus Gonçalves, José Carlos da Palma Santos e José Bernardino da Cruz;

No dia 21 — As Sr.ªs D. Orlanda Maria Galhardo Palmeira e D. Maria Helena Correia Galhardo Palmeira e os Srs. Professor Joaquim Humberto Galhardo Palmeira, Ernesto da Conceição Franco, Carlos Luís de Oliveira Loureiro e Jorge de Brito Gago;

No dia 23 — As Sr.ªs D. Maria Helena de Jesus Conceição, D. Maria José Rodrigues Santos, D. Júlia Santos da Paz e D. Maria de Fátima Santos Messias e o Sr. José Filipe Ribeiro;

No dia 24 — O Sr. Daniel Teodoro dos Santos;

No dia 25 — A Sr.ª D. Maria Gregória Matos, os Srs. Carlos Lopes Bramão e Eng.º Francisco dos Santos Rodrigues Cardoso, a menina Maria

Monumento ao Dr. Silva Nobre em Faro

Conforme foi recentemente noticiado a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Faro aprovou o pedestal para monumento ao Dr. João da Silva Nobre, saudosos médico, prestimoso cidadão e grande democrata algarvio. É o mesmo inteiramente custeado por subscrição pública numa autêntica demonstração de apreço e gratidão das gentes do Algarve para com o Dr. Silva Nobre. O monumento que comporta um busto da autoria do artista farense Sidónio de Almeida, será erigido no largo fronteiro à casa onde, em Faro, viveu o seu sacerdotício de médico e lutou contra o fascismo e a opressão o saudosos clínico e democrata.

Entende a Comissão Pró-Monumento ao Dr. Silva Nobre, ao mesmo tempo que lança um apelo mais ao contributo voluntário, tornar públicas as contas e o saldo que se verifica nesta data (18/4/75):

RECEITA

Saldo anterior (30/8/74) 9 750\$00

Contributos recentemente recebidos:

D. Belmira Graça e José Tomás da Graça	200\$00
Joaquim Góis	50\$00
Manuel Gonçalves	50\$00
Dr. Fernando Sancho	1 000\$00
Romualdo Cavaco	250\$00
João Freitas Carrusca	2 000\$00
Eleutério Pedro Pimenta	100\$00
Amílcar Fazenda	100\$00
Cleunice da Conceição Coelho	100\$00

VENDE-SE

uma carroça em bom estado de conservação.

Quem pretender dirija-se a José João da Silva — LUZ DE TAVIRA.

Notícias de Castro Marim

Em reunião efectuada nos Paços do Concelho e sob a Presidência do Sr. Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Castro Marim, tenente José Manuel Salvador Martins, ficou constituída a Comissão Integradora dos Serviços de Saúde Local (CISSL), pelos seguintes elementos: José Guilhermino Anacleto — trabalhador da Saúde; José da Silva Ruivo Madeira — Representante da Câmara Municipal, Padre António Oliveiros Henrique — Representante da Santa Casa da Misericórdia, José Manuel Torrado Sousa — Representante da Junta de Freguesia; António Victor Severo Martins — Representante das Casas do Povo. Esta Comissão elegeru seu presidente o Dr. José Afonso Gomes, subdelegado de Saúde e Secretário, Manuel Monchique Ribeiro Alves, trabalhador da Saúde. — C.



CAFÉ IMPERIAL

ALMOÇOS, JANTARES E CEIAS
CERVEJARIA * RESTAURANTE
RESIDENCIAL — QUARTOS
E ÁGUAS QUENTES

TAVIRA

RUA JOSÉ PIRES PADINHA TELEF 22306

Lopes Victor e o menino Silvino Pereira das Dóres de Oliveira;

No dia 26 — As Sr.ªs D. Maria Julieta Capela, D. Maria do Carmo de Jesus Macário e D. Maria da Estrela Pereira, os Srs. António Vaz Rodrigues, João Filipe da Silva Martins e Filipe António de Mendonça Arrais e as meninas Trindade Maria Ferra de Jesus e Izabela Alexandra Rodrigues Martins Campos.

Jacob Alves	50\$00
António Lopes da Cruz	500\$00
Fernanda Lopes Leitão Correia	200\$00

Total 14 350\$00

DESPESAS JÁ PAGAS

A Fundação Barros	15 000\$00
Ao Canteiro Guedes	5 000\$00
Ao artista Sidónio de Almeida	5 210\$00

Total 25 210\$00

Verifica-se assim um saldo negativo de 8 860\$00, a que há a acrescentar todas as despesas ainda a efectuar (pedestal, acabamentos, etc.).

Daqui que a Comissão Pró-Monumento ao Dr. Silva Nobre lance mais um apelo. Os contributos podem ser entregues no Consultório do Dr. Campos Coroa (Rua de Santo António), Agência Comercial de Faro (Rua de Santo António), Merceria Veríssimo (Largo da Alagoa) e Delegação do Jornal do Algarve (Rua Gen. Teófilo da Trindade, 46-2.º — Faro).

A C. P. INFORMA LEILÃO

Em 5 de Maio e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Srs. Consignatários das remessas e donos dos volumes de que podem retirá-los até ao dia 2 de Maio, nos dias úteis excepto aos sábados, das 10 às 17 horas.

Para o efeito, devem ser pagos à Companhia os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço Comercial de Mercadorias, Rua Victor Cordon, n.º 45 — Lisboa.

Nas estações encontram-se afixados os Avisos correspondentes ao referido leilão.

Teias Metálicas

Todos os números e larguras
CASA CHAVES CAMINHA
Avenida Rio de Janeiro, 19-B
LISBOA — Tel. 725163

Trespasa-se

Casa de bicicletas com todo o material existente e ferramentas necessárias para o trabalho.

Tratar com viuva de Custódio Emiliano de Matos Estrela, em Luz de Tavira.

CAFÉ IMPERIAL

ALMOÇOS, JANTARES E CEIAS
CERVEJARIA * RESTAURANTE
RESIDENCIAL — QUARTOS
E ÁGUAS QUENTES

TAVIRA

RUA JOSÉ PIRES PADINHA TELEF 22306

Trespasa-se

Cervejaria e casa de pasto, situada na Praça Dr. António Padinha (Jardim da Alagoa) junto à Igreja de S. Paulo, em virtude do seu proprietário não poder estar à frente do mesmo.

Informa-se nesta Redacção.

Jogos Florais

(Continuação da 4.ª página)

Mistral, poeta e filólogo francês, que escreveu em provençal, nasceu em 1830 e falecido já neste século, deu novo impulso a estes certames na Provença e depois em Espanha. Em Portugal e outros países se efectuaram concursos idênticos.

No nosso país, particularmente no Algarve, eram frequentes os Jogos Florais. Na nossa cidade, em tempos idos, a Sociedade Orfeónica promoveu-os ininterruptamente durante uma década ou talvez mais, no último dia do ano e, por isso, se designavam de Jogos Florais do Fim do Ano. Quem não recorda com viva emoção e saudade os grandiosos saraus efectuados na sala de espectáculos do antigo edifício do Cine-Teatro de António Pinheiro, magnificamente decorado e repleto de sócios e famílias, ostentando as senhoras os seus vestidos de gala e ouvindo-se a voz arrebatadora e entusiástica desse grande taurinense, que foi Isidoro Pires?

Em Faro realizavam-se com muito brilho Jogos Florais, pelos anos vinte, no Clube Farense e, posteriormente, no Club Popular e no Ginásio Club em 1945 e 1946, os quais tiveram grande projecção. E, durante a época balnear, quando ainda ninguém falava de turismo, efectuavam-se anualmente Jogos Florais nos casinos das praias de Armação de Pera, de Albufeira e outras. A alguns deles assistimos e recorda-nos perfeitamente o grande interesse que despertavam sempre. Igualmente a Emissora Nacional deu-lhes enorme incremento instituído os chamados Jogos Florais da Primavera, em que distribuía flores simbólicas como prémios, além de eleger o Príncipe dos Poetas em cada ano. Os géneros literários admitidos passaram a ser muito variados, em verso e em prosa, como se verificou no serão realizado no largo da Sé, em Faro e em que estiveram presentes muitas centenas de pessoas de todas as camadas cultas do Algarve e Baixo Alentejo.

No próximo número do «Povo Algarvio» faremos uma referência especial aos Jogos Florais promovidos pela Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro. Entretanto, lembramos que se encerra no próximo dia 10 o prazo para a entrega das produções e que a respectiva festa de en-

Um Canteiro do Paraíso

(Continuação da 1.ª página)

— Esses, não «senhora». Mas que queria que um pobre como a mim fizesse? Quando tinha que apresentar a renda, não havia outro remédio senão ir ter com um meu compadre, mestre de obras, e consentir que ele aqui mandasse buscar dois ou três camifões de grajau, porque, enfim, bem vê o patrão que eu milagres não faço e tinha de tirar a renda e alguma coisa também para mim porque a gente só «veve» destes ganhos.

E enquanto o rendeiro explorava a terra em «profundidade», o dono tinha pago impostos às Finanças, ao Grémio, à Casa do Povo, à Previdência, até chegar a sentença do sr. político, declarando a protecção ao pobre rendeiro em virtude da «exploração do homem pelo homem», sem atentar que o senhorio também era homem e o verdadeiro explorado.

Pode crer o Leitor que a narrativa é verdadeira e acontecido o facto no Sotavento do Algarve. E... «por aqui me sirvo!»...

Só resta acrescentar que o arrendatário vive muito bem e fartamente: de noite, toca concertina nos bailes; e de dia, mete o gado à terra e dorme na eira, de papo para o ar.

G. de M.

cerramento far-se-á na noite de 24 de Maio, no salão de festas da mesma Sociedade. São admitidos os seguintes géneros literários: Quadra popular, Poesia obrigada a mote, Poesia livre e Crónica ou reportagem. Para a poesia obrigada a mote foi escolhida, como já dissemos, a seguinte quadra do antigo e saudoso orfeonista e poeta Sebastião Leiria:

A vida que a gente leva
Se é castigo não parece
Só troca a luz pela treva
Quem a treva lhe apetece

M.

Ao correr da pena...

(Continuação da 4.ª página)

do, enquanto corria para casa, como um passarinho que, ouvindo os tiros do caçador, se dirige veloz para a árvore do ninho e ficou filada na trajetória rápida. Varados de amargura, os homens tremiam.

E o poema de V. Hugo cala o resto deste drama. Aqui diz tudo...

Mas para que nos havemos de comover com cenas há tantos anos passadas? Ai as temos, todos os dias. É abrir os jornais: o Vietcong, o Vietnam, de Saigão a Lima, no Peru, só há velhas avós chorando as crianças inocentes que as balas feriram. As fotografias, os clichés bem o documentam: corpos despedaçados, rostos que desesperadamente choram, doentes, fugitivos amargurados... Serão os soldados de Napoleão III que passam? Oh, não!

— É a Liberdade, a Independência, a Riqueza de meia dúzia, impostas pela violência ao povo inocente, faminto de paz, de bondade e de amor!

A. M.

CASA

Aluga-se para escritório ou cabeleireiro ou habitação em Tavira.

Informa na Garage Patrocínio Revez.

NOTÍCIAS DE

Santo Estevão

ANIVERSÁRIO DE UMA COLECTIVIDADE

Comemorou-se no passado dia 1.º de Maio mais um aniversário da Sociedade Recreativa de St.º Estevão. O 47.º da sua fundação. A direcção da modesta colectividade, reeleita em Assembleia Geral pelos relevantes serviços prestados à sociedade que tão honrosamente representam, tal como o ano passado, o referido aniversário revestiu-se de excepcional brilhantismo. Foi na verdade uma noite inolvidável; pois a sala vistosamente engalanada oferecia um aspecto verdadeiramente deslumbrante. No dancing actuava um magnífico conjunto musical, além de um esmerado porto-de-honra que os dignos directores quiseram mais uma vez proporcionar aos prezados consócios. Felicitamos portanto a direcção da Sociedade Recreativa de St.º Estevão; endereçando-lhe sinceros votos pelo progresso e engrandecimento da colectividade que representam.

C.

FALECIMENTOS

BRAS CONDE

Com 68 anos, faleceu em Lisboa o sr. Brás Conde, natural de Portimão, casado com a sr.ª D. Maria de Brito Estrada de Almeida Conde e pai da sr.ª D. Maria Isabel Conde Reimão Pinto e do sr. Carlos Conde. O funeral realizou-se da Igreja de Santa Isabel, após missa de corpo presente, para o cemitério de Portimão.

D. RITA HERMENEGILDA SANTOS HONRADO

Também faleceu na Capital, com 96 anos, a sr.ª D. Rita Hermenegilda Santos Honrado, natural de Vila Real de Santo António, viúva e mãe das sr.ªs D. Maria do Rosário Honrado Torres, D. Isilda Honrado Oliveira e D. Maria do Carmo Honrado Paixão e dos srs. Joaquim e Artur Honrado. Era sogra das sr.ªs D. Cândida Morais Sarmiento Honrado, D. Gabriela Saraiva Honrado e D. Rita Barata Honrado e avó das sr.ªs D. Maria Emília Santos Jorge, D. Maria Teresa Ferreira e D. Isabel Maria Barata e dos srs. Carlos Manuel Paixão, José e Fernando Sacramento Honrado e Artur Barata Honrado. Deixou ainda 10 bisnetos. O funeral efectuou-se da Igreja da Ajuda, após missa de corpo presente, para o cemitério da mesma freguesia.

SEBASTIÃO ROLDAN RAMALHO ORTIÇÃO

Faleceu em Alcantarilha com 82 anos o sr. Sebastião Roldan Ramalho Ortigo, que era natural daquela freguesia. Pertencente a uma distinta família algarvia, D. Rita Roldan Ramalho Ortigo Blanc da Costa, viúva do sr. Jorge Blanc da Costa e D. Catalina Roldan Ramalho Ortigo de Vitor Cordon, viúva do sr. Jorge Vitor Cordon e do sr. Duarte Roldan Ramalho Ortigo, já falecido. Deixou numerosos sobrinhos. O funeral realizou-se para o cemitério local, após missa celebrada de corpo presente.

Também faleceram:

EM LISBOA — O sr. João da Encarnação Gravanita, de 72 anos, viúvo, natural de Lagoa e pai do sr. João José Duarte da Encarnação, cujo funeral se realizou para o cemitério de Estombar, concelho de Lagoa.

— A sr.ª D. Zulmira Ribeiro Baltazar, de 62 anos, natural de Budens, Vila do Bispo, casada com o sr. Matias Baltazar.

— O sr. José Caetano Barros, de 73 anos, solteiro, natural de Loulé.

— O sr. Isidoro Correia Cavaco, de 67 anos, natural de Alte, concelho de Loulé, que deixou viúva a sr.ª D. Glória Maria e era pai do sr. António Madeira Cavaco.

— O sr. Joaquim Rocha, de 79 anos, natural de Monchique e pai das sr.ªs D. Maria Ângela Rocha Graça e D. Teolinda Ferreira Rocha.

— O sr. António Crispim Paixão, de 79 anos, natural de Monchique, motorista aposentado, viúvo, pai da sr.ª D. Maria Helena Gregório Crispim Avó e dos srs. José Saturnino e Fernando Vitor Gregório Crispim da Paixão.

COMPRA-SE

roulote - caravana de segunda mão.

Resposta ao interessado.

Telefone 23781 — Portimão. (a partir das 18 horas)

Respigos de Seara Alheia

(Continuação da 4.ª página)

oprimia; vinha do Alto, lá de cima, já bem de cima, onde os homens ainda não conseguiram chegar. A Luz libertadora penetrou em todas as células do meu ser, tomou conta dos mais pequenos pormenores da minha existência e transformou-me por dentro.

Hoje já não sou capaz de julgar ninguém, porque também eu já fui julgado; já não sou capaz de ficar quieto quando sinto que estão a oprimir, pela difamação, o meu irmão, quando me dou conta de que o boato está a desatrar vidas que nasceram para a Luz e para a Liberdade. É então que sinto a força do aço, devidamente purificado pela chama da forja, e grito ao mundo, com quantas forças ainda me restam no fundo de mim próprio: — LIBERTEMOS OS INOCENTES, ERGAMOS BEM ALTO O ESTANDARTE DA VERDADE e não deixemos que a mentira reine neste mundo novo que todos queremos que seja de amor e de paz.

J. S.

O DESPORTO

► ao serviço do Turismo

NO CAMPO DE GOLF DA PENINA

Contando a pontuação para o Campeonato Mundial da Modalidade, este Open Internacional de Portugal (ou seja o 21.º Campeonato Internacional Aberto de Golf de Portugal) realizado este ano no Algarve, no tão afamado Campo de Golf da Penina, revestiu-se de extraordinária expectativa com representantes de vinte Países de todo o Mundo, das mais diversas ideologias políticas, e que se reuniram no nosso País, neste momento verdadeiramente histórico, em clima de Paz e de tranquilidade que muito os surpreendeu agradavelmente, dadas as notícias tendenciosas e erradas difundidas por alguns órgãos de informação de Países estrangeiros.

Atraídos também pelo acontecimento deslocaram-se especialmente ao Algarve jornalistas especializados com categoria internacional como, por exemplo, Gordon Richardson da Reuter e do «Daily Mirror»; Peter Dobereiner, de «The Observer», do «Golf World» e do «Daily Telegraph»; Andreas Neitz da «Interblick Press» e do «Golf Suisse»; Ursula Goerg de «Lady International», o sueco Jorg Ohlsen, o espanhol Jesus Ortega da revista «Golf» da Federação Espanhola; o casal japonês Kuji, do «Japan Golf Magazine» e André-Jean Laffaurie do «Golf Européen». Por Portugal esteve presente como habitualmente na orientação geral do Departamento de Informação e Relações Públicas o nosso camarada Gentil Marques, director do «Jornal de Turismo» e da revista «Sol do Algarve».

RESULTADOS DA 1.ª FASE

Da centena e meia de concorrentes, representando vinte países, e que partiram a caminho da grande final, chegaram ao termo das duas primeiras voltas, como melhores classificados, os seguintes:

- 1.º N. Coles, Inglês (72,72) = 144
- 2.º H. Underwood, Americano (73,72) = 145
- 3.º S. Hobday, Podesiano (76,70) = 146
- 4.º D. Chillas, Inglês; M. Murphy, Irlandês; Jaime Benito, Espanhal; P. Butler, Inglês; E. D'Arcy, Irlandês — Todos com 147 no final das duas voltas.
- 9.º M. Piñero, Espanhol; S. Ballesteros, Espanhol; D. Clark, da Nova Zelândia;
- 12.º J. O'Leary, Irlandês (77,72) = 149.

RESULTADOS DA 2.ª FASE

Entretanto, como é de calcular, a 2.ª fase do Campeonato, reservada apenas aos seleccionados na 1.ª fase, revestiu-se ainda de maior interesse e de mais justificada expectativa.

Os resultados principais desta 2.ª fase foram estes:

- 1.º H. Underwood, Americano (216)
 - 2.º N. Coles, Inglês (218)
 - 3.º V. Fernandez, Argentino (220)
 - 4.º D. Clark, Neo-Zelandês; P. Butler Inglês e S. Hobday (todos com 222)
 - 7.º M. Piñero, Espanhol e Hunto, Inglês — ambos com 223.
- Depois de terminar esta segunda fase e, portanto, antes da final, houve um bebereite oferecido aos representantes dos Órgãos da Informação, na-

cionais e estrangeiras, pela Federação Portuguesa de Golf e ao qual presidiu o Eng.º Caupers, dos Corpos Directivos.

A GRANDE FINAL

Com cinquenta e três apurados para a final deste 2.º Campeonato Internacional Aberto de Portugal, no Campo de Golf da Penina, o entusiasmo cresceu em redor das últimas partidas. De registar, como curiosidade, que da centena e meia de concorrentes inicialmente inscritos, como representantes de vinte Países de todo o mundo, apenas chegaram à finalíssima 28 Ingleses, 6 Americanos, 8 Irlandeses, 4 Espanhóis, 1 Rodésiano, 1 Italiano, 1 Australiano, 1 Belga, 1 Argentino, 1 Representante da África do Sul e 1 Representante da Nova-Zelândia.

Compreende-se aliás a importância deste torneio pois a sua pontuação conta, para os melhores classificados, para a isenção de provas de selecção em outros torneios e Campeonatos Abertos em vários países do mundo no ano de 1975.

Eis, portanto, a posição dos concorrentes na final do 21.º Campeonato Internacional Aberto de Golf de Portugal, realizado no Algarve, no Campo de Golf da Penina:

- 1.º Hal Underwood (E.U.A.)
- 2.º Vicente Fernandez (Argentina)
- 3.º Simon Hobday (Rodésia)
- 4.º Jaime Benito (Espanha) e Neil Coles (Inglaterra).

Assim terminou, sob o mesmo esplendoroso sol de sempre, e em clima de perfeita harmonia, mais esta magnífica jornada desportiva ao serviço do Turismo em Portugal.

AGENDA DA CIDADE

TELEFONES ÚTEIS

Hospital e Maternidade ...	22133
Bombeiros	22122
Bombeiros Ambulância ...	22123
Serviço de Urgência de Ambulância	115
Polícia	22022
Guarda N. Republicana ...	22417
Brig. de Trâns. da G.N.R. ...	22458
Câmara	22003
Táxis — 22704-22077-22540-22467-22460-22498-22439	
Repartição de Finanças ...	22616
C. I. S. M. I.	22015 - 22016
Camionagem de carga	22527
Camionag. de passageiros	22546
Serv. Munic. água e luz	22054
Posto de Turismo	22511
Tribunal	22001
Notário	22069
Estação dos C.T.T.	22111 - 22112
Escola Técnica	22596
Liceu	22582
Estação do C. de Ferro ...	22354

VIDA RELIGIOSA

Horário das missas dominicais:
 Às 9 horas — N.º Sr.ª da Ajuda
 Às 9,30 horas — Santa Luzia
 Às 11 horas — Santa Maria do Castelo.
 Às 12 horas — S. Francisco
 Às 18 horas — Sant'ago

De Semana:
 Às 8,30 horas — Sant'ago
 Às 9 horas — N.º Sr.ª da Ajuda

Sábado:
 Às 16,30 horas Sant'ago
 Às 21,30 h. — N.º Sr.ª da Ajuda

(Missas para cumprimento de preceito dominical).

TIPOGRAFIA ARRENDAR-SE

Recebe-se resposta em carta fechada nesta Redacção.

HOTEL DAS CARAVELAS

SOCIEDADE TURÍSTICA DO SUL

Rua Diogo Cão — MONTE GORDO

ABERTO TODO O ANO

ÓPTIMAS COMODIDADES PITORESCO HORIZONTE VISUAL

Telefones 458 a 460 e 558 a 560

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO

ABERTO TODO O ANO

1.ª CLASSE - A — 200 QUARTOS

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

Telef. 321 - 322 - 323 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Às correntes da pena...

● RECORDAÇÃO DA NOITE DE QUATRO

Assim se intitula um dos poematos de Victor Hugo, inserido na colecção «Les Châtiments».

No dia 4 de Dezembro de 1851, os republicanos tentaram organizar a resistência ao golpe de Estado. Luiz Napoleão respondeu com violência e mandou atirar sobre a multidão que se movimentava nas ruas. À noite, o poeta e alguns amigos entram no túrgio duma velha avó a quem acabavam de matar o neto.

Com a comoção tão própria de Victor Hugo, segue a descrição da cena comovente. A casa modesta, cheia de paz, frouxamente iluminada. Os homens despem a criança de 8 anos, se tanto. Duas balas na cabeça, os olhos pasmados, os membros pendentes. Da algibeira salta o pião e rebola ainda pelo solo de ladrilho. A procura dum lençol, puseram-no no colo da avó que, desfeita em pranto, o aproxima da lareira, tentando aquecê-lo ao calor do lar.

O poeta, amargamente, sentença: «Aquele que a morte apanha com os dedos frígidos, não torna a aquecer ao lume deste mundo...»

Ao longe soam ainda tiros, que matam outras crianças inocentes...

Do coração amargurado da pobre avó velhinha, desprende-se um choro que despedaça os rijos corações dos homens que ali foram prestar socorros. Era a sua última companhia, o seu único arrimo, aquele pequenino que as desavenças políticas tinham aniquila-

J. L.

(Continua na 3.ª página)

Exposição de Pintura

(Continuação da 1.ª página)

escantilhão e tomar fôlego enfim, já na rua também deserta.

Mas, a dois passos, um grande salão e telas ao fundo, como num altar-mor de igreja de aldeia; e, impelida pelo vento da fascinação, a Curiosidade entrou e encontrou-se entre os trabalhos expostos.

Telas grandes. Surrealismo, Expressionismo, Abstraccionismo, Informalismo? Que lhe interessavam nomenclaturas teóricas? O olhar enchia-se de cor, de movimento; tudo ondulava e tremia, como as searas ainda rasteiras que o nordeste afaga com dedos esguios e ligeiros, entre as belas extensas.

A Curiosidade extasiava-se. Nas quatro paredes do salão mansamente iluminado e só, que síntese magnífica de cores, movimentos, gritos, palavras, segredos e cantos... Além das telas grandes e ao longo das paredes, corriam dois frisos de pequenas telas com pedaços de paisagem animada por figuras. Ah! que beleza! Estava ali presente D. Alentejo, com as vilas serenas de ar lavado e sombras aniladas, com a paz e a enérgica mansidão daquelas criaturas vivas, movendo-se nesses maravilhosos quadri-nhos. Tudo vivo. Tudo fiel, em corpo e alma; alma sobretudo, jovem, dinâmica ou profundamente pensante. Horas de solidão, horas de recolhimento, horas de festa e luta, a Curiosidade ali vi-

veu, na paz do grande salão deserto.

Saiu com pena. Pena? Talvez não. Levava consigo, armazenadas na retina e nos escarninhos da memória, todas as imagens deliciosas que apenas certos viajantes surpreendem em viagem pelo Alentejo, a província mais portuguesa de quantas províncias portuguesas ainda existem.

E o Pintor, que já tinha à sua conta os catorze prémios e a «bolsa», ganhou um novo prémio, uma medalha de ouro que a Curiosidade deixou suspensa de cada quadro, onde se lê o dístico de Camões: «Que não é prémio vil ser conhecido / por um pregão do ninho meu paterno».

O expositor, que bem merece pelo seu talento e amor da Arte e da Terra, era Vicente Besugo. Da cidade beócia, não precisamos falar, ficou esquecida no mapa...

As Eleições para a Constituinte

(Continuação da 1.ª página)

último (UDP) não atingiu sequer a meia centena de milhar (exactamente 44 546).

★ RESULTADOS NO ALGARVE

No Distrito de Faro, o número de recenseados era, segundo informações recolhidas na Imprensa Diária (de onde, aliás, tomamos todas as demais indicações), de 225.969, repartidos pelas 71 freguesias; e o número de votantes foi de 204.839, o que dá uma percentagem de 90,65%, verificando-se portanto 21.130 abstenções. Dos votos efectivos, porém, 18.807 foram brancos ou nulos, o que representa 9,18% daqueles. Os 186.032 votos válidos que assim se verificaram, repartiram-se, pelos 10 Partidos que concorreram no nosso Distrito, na forma seguinte (segundo a ordem alfabética dos mesmos Partidos): Centro Democrático Social - CDS, 6872 (3,35%), Frente Eleitoral de Comunistas - FEC, 1575 (0,77%); Frente Socialista Popular - FSP, 3601 (1,76%); Movimento Democrático Português - MDP/CDE, 19448 (9,19%); Movimento de Esquerda Socialista - MES, 3259 (1,59%); Partido Comunista Português - PCP, 25202 (12,30%); Partido Popular Democrático - PPD, 28 501 (13,91%); Partido Socialista Português - PS, 93094 (45,45%); Partido de Unidade Popular - PUP, 2190 (1,07%); e União Democrática Popular - UDP, 2290 (1,12%). Verifica-se, pois, que à frente de todos os Partidos concorrentes ficou o PS, com

quase metade dos votos válidos (45,45%) e com mais do triplo do segundo votado, este que foi o PPD (13,91%); e que em terceiro lugar, embora relativamente próximo do segundo, ficou o PCP (12,30%), seguido do MDP (9,19%) e do CDS (3,35%). E verifica-se ainda que, em face do número de votos obtidos e do número de deputados a eleger no Distrito (9), os resultados das Eleições deram apenas a 4 Partidos o direito de estarem representados na Assembleia Nacional Constituinte: o PS com 6 deputados, o PPD com 1, o PCP com 1 e o MDP com 1.

★ OS DEPUTADOS ALGARVIOS

Os deputados que, em resultado das Eleições, representarão o Algarve na Assembleia Constituinte e os Partidos pelos quais

Respigos de Seara Alheia

★ O BOATO

A notícia correu mais velozmente que a minha própria pessoa, passou-me à frente e já a encontrei em todos os recantos onde me quis esconder. Tapei os ouvidos, não quis acreditar na força da mentira e do boato. Estava inocente, sabia bem que ninguém poderia provar as afirmações que faziam a meu respeito, mas tive medo. Ninguém me dizia abertamente, mas eu sentia, com toda a força da minha intuição, que me retalhavam as costas com críticas infundadas e difamantes.

«Não julgueis, para que não sejais julgados», disse Jesus Cristo há cerca de dois mil anos. Ele próprio experimentou, pela morte na cruz, as consequências de julgamentos apressados e injustos. Hoje ainda, o boato continua a destruir, a difamar, a retalhar muitas pessoas no que cada uma tem de mais íntimo e de mais profundo: — a sua dignidade.

O boato — com letra maiúscula para realçar a importância que muitos lhe dão! — tem levado ao desespero milhares de pessoas, tem amordaçado a consciência de muita gente séria e honesta, tem liquidado vidas inteiras.

Todos os que já foram vítimas de boatos sabem bem como é difícil viver-se num mundo onde não se sabe

Jogos Florais

Como o título indica, não nos vamos referir aos inúmeros jogos da-nossa meninice, da cabra-cega, da barra, das escondidas, do agarrar de mão, do pião, do gato e do rato, dos cinco cantinhos, do anel, da sardinha, do eixo, das prendas, etc., para só falar daqueles que de momento nos ocorrem e fizeram as delícias da nossa infância, nos primeiros decénios deste século. Nem tão pouco aos torneios e às justas, semelhantes aos combates de guerra na Idade Média, e a muitos outros jogos bem mais espectaculares, como os taumáquicos, da argolinha, das canas e da rosa. Muito menos aos jogos de combinações, cujo resultado depende do cálculo, do raciocínio do jogador, como o xadrez e as damas, ou ainda aos jogos de azar, em que geralmente se arrisca dinheiro e de que existe uma infinidade deles, tais como o monte, a bisca, a manilha, o bridge, o de vaza e o de parada. Os jogos de cartas estão hoje muito mais vulgarizados do que no tempo da nossa juventude, sendo frequente observarmos diariamente nos comboios os escolares, de ambos os sexos, agarrados ao baralho de cartas, em vez de se interessarem pelas matérias ouvidas nas aulas, (ouvi-las-ão?) quando o que pretendem é apetrecharem-se para vencerem na vida.

Há ainda jogos de outras naturezas, como os utilizados por alguns indivíduos, que se querem aproveitar de certas circunstâncias ou da boa fé de outros, para conseguirem os seus fins nem sempre legítimos. E há também os jogos de palavras, quer dizer, o emprego de vocábulos em sentido figurado. E seria um nunca mais acabar, visto que por «jogo» se deverá entender tudo quanto se faz para recreio do

espírito ou distracção. Também se chama jogo, como se sabe, à prática de qualquer exercício desportivo, como o ténis, o futebol, o andebol, etc..

Na Grécia antiga existiam jogos públicos, como os ístmicos, os píticos e os nemeus, mas o mais célebre eram os jogos olímpicos, realizados de quatro em quatro anos e hoje ressuscitados sob a forma de concursos internacionais de atletismo.

Mas, os jogos de que vamos falar são os chamados Jogos Florais, que eram concursos poéticos estabelecidos na Antiguidade em honra da deusa Flora e postos em voga na era moderna. Foram criados no início do século XIV por jovens poetas que intentavam fazer ressurgir o brilhantismo da língua de Oc ou Provençal, a língua usada no Sul da França, e mantê-la em uso, de onde o título de mantenedores dado a esses poetas. Os galardões eram flores: primeiro, a violeta de ouro, depois também a rosa silvestre e o cravo.

Até ao século XVI só a língua de Oc foi admitida nos Jogos Florais. Em 1694, o rei Luís XIV, de França, fundou a Academia de Jogos Florais com quarenta mantenedores. Francisco

(Continua na 3.ª página)

POVO NOVO

(Continuação da 1.ª página)

apropriaram-se do que não era seu, por suporem que todas as fronteiras da conveniência tinham sido arrazadas e vinha, assim, para cada um, o «quero posso e mando», suposta ideologia do seu partido, o que nunca existiu senão na sua ignorância. Todos sabem que existe uma segurança pessoal, com que o estatuto governativo superintende nas pessoas e bens, e o povo insulta, difama, espanca, por que leu na parede «poder ao povo» e pensou que «poder» se traduz em chacina, destruição, ruína, em vez de atentar que «poder» é exactamente respeito, construção, conservação e progresso.

Nesta conformidade há que ampliar os conhecimentos ainda demasiado rudimentares do Povo Novo.

À «delícia» das pasmeceiras e feriados para cultivar lazeira e vícios, opor divertimentos sãos e actividades criativas: o amor aos jogos e desportos não violentos, o gosto pelo campismo e seus sucedâneos, o prazer pelo cultivo da arte, mesmo das chamadas artes menores, o conhecimento das regras duma civilidade ditada pela estima e convivência com os nossos camaradas, as pequenas excursões (e as grandes, para quem tiver possibilidade) e muitos outros actos significativos da aquisição de novos valores de espírito e concepções morais.

Já não são as «cunhas», as «engraxações», os «padrinhos», o dinheiro e o aspecto fanfarrão ou luxuoso que comandam o valor individual do Povo, mas as antiquíssimas divisas de crença, honestidade, independência de carácter e isenção de interesses que vão graduar os novos padrões da mentalidade do Povo Novo, remoçado pela vontade de se actualizar e progredir, sem mitigar a sede de progresso em sangue nem saciar a fome de prosperar em sementes de terror e vergonha.

M. de G.

Diante da vida
Do povo sofrido,
A gente não fala;
Só sabe calar.

Esquece as idéias
Do povo sabido,
E fica humilde;
Começa a pensar.

C. M.

«Povo Algarvio»

(Continuação da 1.ª página)

podesse ir resolvendo gradualmente os problemas acima referidos e procedendo aos indispensáveis trabalhos de reorganização interna.

Verificamos agora, porém, que os trabalhos finais, a última etapa da reorganização interna, conducentes a assegurar definitivamente a sobrevivência e concluir a melhoria do «Povo Algarvio», são completamente impossíveis sem suspendermos a publicação durante algumas semanas, que procuraremos, no entanto e continuando a não nos pouparmos a esforços e sacrifícios, sejam no menor número possível, suspensão que aliás aproveitaremos para igualmente dar cumprimento a alguns preceitos da nova Lei de Imprensa, como por exemplo a elaboração e aprovação pela entidade competente do Estatuto Editorial do nosso semanário. Vamos, assim, completar rapidamente a obra de remodelação e renovação iniciada há seis meses e conduzida até hoje com a ajuda de Antero Nobre; e esperamos poder voltar ao contacto dos nossos leitores e amigos no mais curto espaço de tempo possível.

Esta suspensão temporária, a que somos obrigados pela força das circunstâncias, bem contra a nossa vontade e os nossos mais ardentes desejos e apesar de todos os esforços feitos para a evitar, em nada prejudicará os nossos prezados assinantes, já que as assinaturas são pagas por séries de números efectivamente publicados. E esperamos poder contar, no futuro como até aqui, não só com os nossos assinantes, mas igualmente com os nossos não menos prezados anunciantes, tal como neste momento contamos já também com o auxílio de alguns outros amigos, que se propõem coadjuvar nos assuntos redactoriais, aliviando um pouco o sacrifício de Antero Nobre que, como nos asseverou, não deixará nunca de, na medida das suas forças, continuar a honrar o «Povo Algarvio» com a sua valiosíssima colaboração e preciosa ajuda.

A todos, assinantes, anunciantes e colaboradores, desde já aqui fica o nosso muito sincero obrigado pela compreensão do nosso procedimento, pela confiança que em nós depositaram e pela continuidade da sua boa ajuda quando voltarmos ao seu convívio amigo. E até breve, se Deus quiser!

Amemos a Verdade e faremos a Paz: uma Paz dinâmica e construtiva, pela Reconciliação entre os portugueses. Fomentar ódios e rancores, impor aos adversários a humilhação e a injustiça é destruir o futuro de Portugal, com o próprio futuro da Revolução.

D. ANTÓNIO F. GOMES
Bispo do Porto

(Continua na 3.ª página)